

**PIUM: SOB A LUNETAS ESPACIAL****Rosemeire Souza Pinheiro Taveira Silva<sup>1</sup>  
Braz José Coelho<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente texto pretende discutir a relação do espaço enquanto determinante do comportamento da personagem Ritinha no romance *Pium* (1985), de Eli Brasiense. Primeiramente, um breve resumo do livro é apresentado. Em seguida, serão abordadas algumas definições sobre o espaço e sua função na obra. O arcabouço teórico deste estudo se fundamenta nas contribuições de Bachelard (1978), Borges Filho (2008), Lins (1976) e Santos (1997; 2006) dentre outros teóricos que trilham pelo mesmo caminho da toponímia.

**Palavras-chave:** *Pium*; Espaço; Eli Brasiense.

***Pium: through a space eye glass***

**ABSTRACT:** This paper discusses the relationship of space as the determiner of behavior of the character Ritinha in the novel *Pium* (1985), wrote by Eli Brasiense. First, a brief summary of the book is presented. Then, we shall discuss some definitions about space and its function in the novel. The theoretical framework of this study is based on the contributions of Bachelard (1978), Borges Filho (2008), Lins (1976) and Santos (1997, 2006) among others theorists who tread the same path of toponímia.

**Key words:** *Pium*; Space; Eli Brasiense.

Independente do contexto tecnológico, econômico e cultural, o ser humano demonstra uma atávica necessidade de estabelecer vínculo com um espaço de vivência visando construção de sua história, seja esse virtual ou real, coletivo ou individual, geográfico ou psicológico, concreto ou abstrato. Ele é um elemento narrativo fundamental para que as ficções sejam tecidas, podendo ser renovado, modificado, observado, transformado, apropriado e reapropriado de diversas formas, levando em consideração o indivíduo, a sociedade e a época na qual está inserido. Das grandes histórias de amor aos pequenos relatos do cotidiano, todas as experiências humanas precisam de um pano de fundo para se materializar.

De acordo com o olhar que se lança sobre o espaço, ele apresenta diferentes facetas para análise, pode ser impreciso, imaginário, mítico, estático, até mesmo ser personagem

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pela UFG - Campus Catalão. Professora de Letras Português/ Espanhol do Instituto Federal Goiano ó Campus Iporá.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão

principal, caso constatado no romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, não sendo apenas influenciado por outros traços constituintes das narrativas, mas alterado por si mesmo. Assim, este artigo se ancora na teoria de Gaston Bachelard (1978), nas contribuições de Osman Lins (1976) em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), Ozoris Borges Filho (2008) no texto *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*, e Milton Santos (1997; 2006) em *Metamorfoses do espaço habitado* e *A natureza do espaço*. Trabalhos que darão suporte à análise do espaço na obra *Pium* (1985), de Eli Brasiense, tendo como foco o meio em que a personagem Ritinha está inserida.

## TÓPICOS CONCEITUAIS DE ESPAÇO

Para se pensar o espaço na obra, inicialmente serão apresentadas algumas definições a respeito do espaço, que nortearão este trabalho; tendo em mente que não é fácil encontrar definição clara e objetiva e, muito menos, única e coesa acerca deste elemento diegético. O espaço é aquilo que é apresentado nas palavras do texto, sem uma idealização deste, ficando esta peculiaridade para a ambientação. Com base em Milton Santos em *A natureza do espaço* (2006), afirma-se que o espaço é uma colcha de retalhos bem cingidos. Esses retalhos são os móveis, a economia, as pessoas/personagens, a natureza entre outros. No mesmo livro, o autor salienta que o espaço é formado por um conjunto de retalhos, que não podem ser olhados individualmente, mas como um todo coeso, que dá suporte a uma, ou a várias, história(s). Assim, quando se pensa no meio ambiente de uma obra literária, não se pode esquecer de levar em consideração, durante a análise, os personagens que a compõem, o fluxo narrativo, o enredo, o tempo entre outros, ou seja, ele não pode ser analisado de forma isolada e excludente. Concordando, em alguns pontos, com Lins (1976), que o espaço interfere diretamente na construção das personagens, tanto que se um espaço influencia em demasia uma personagem, o analista afirma que o mesmo foi coisificado, mas a recíproca também ocorre, pois os indivíduos também moldam, transformam o espaço, seja de forma consciente, a seu bel-prazer ou inconsciente. Um mesmo espaço, no decorrer da narrativa, pode e, na maioria das vezes, será alterado e/ou transformado seja pelo narrador, pelo tempo ou pelas personagens, pois este é um elemento dinâmico, vivo e fluido que está em constante mudança, acrescentando ou subtraindo objetos, que, na maioria das vezes, não possuem um fim específico ou claro para o leitor.

Milton Santos, na obra *Metamorfoses do espaço habitado* (1997), aponta que o espaço

seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1997, p. 71)

O comportamento das pessoas e a relação dos objetos são refletidos por meio do espaço. Segundo Michel Foucault, em *Outros espaços* (2006, p. 413), o espaço é heterogêneo, carregado de informação, qualidades e sentimentos que bombardeiam o ser humano a todo o momento. Ele emana informações dos indivíduos que nele habitam, sendo esta uma das funções apresentadas por Borges Filho (2008). Além dessa, ele lista mais outras seis funções. Com isso, entende-se o espaço como uma colcha tecida por objetos, ações, paisagens, tempo, personagens e a sociedade, ao passo que estes são influenciados pelo tempo. A partir dessa perspectiva serão analisados os espaços frequentados pela personagem Ritinha do livro *Pium*.

## **PIUM, ROMANCE REGIONALISTA GOIANO**

Eli Brasiliense nasceu na cidade de Porto Nacional, Goiás, em 18 de abril de 1915. Ele foi um importante escritor goiano que se dedicou a escrever várias obras com temas relacionados à cultura, linguagem e espaço por ele habitado. Uma de suas obras mais conhecida foi *Pium* (1985), inspirada no nome de um município do atual estado de Tocantins, e que na época em que o livro foi publicado fazia parte de Goiás.

Para entender uma obra é preciso conhecer o seu enredo. Visando uma melhor análise do espaço presente no livro, apresentar-se-á um breve resumo do mesmo. Pium inicialmente era uma terra esquecida no sertão de Goiás, ãa pastagem naqueles ermos era a pior possível, mesmo no tempo das chuvas. Matas para lavoura eram poucas e madeiras para as construções eram escassasö (BRASILIANSE, 1985, p.15). Os moradores presenciavam doenças, abandono, colheitas fracas, uma miséria: õUma grande maloca de gente vegetava e sofria naquela zona dominada pelo Piumö (BRASILIANSE, 1985, p.17). Isso, até o mundo descobrir que a terra estava cheia de cristal; a partir daí, os moradores viram pessoas chegarem com um único intuito, garimpar a terra.

O espaço, que antes era esquecido, passa ser visitado por garimpeiros, prostitutas, trabalhadores; com a entrada e saída de muitas pessoas e de dinheiro no local, ão arraial

crescia como leite fervendo (BRASILIANSE, 1985, p.18). Houve uma mudança no fluxo de dinheiro, ocorrendo uma transformação dos valores das pessoas. Sabe-se que o espaço é carregado de valores, e que os mesmos estão em constante transformação. O espaço acompanha essas mudanças, portanto, se a cidade estava se transformando, os habitantes também mudaram, pois sofreram influência direta do meio no qual estavam inseridos. *Pium* foca em uma personagem que sofreu influência do meio - Ritinha - filha única de família humilde composta apenas por três membros: a menina, a mãe, a Zefa, que trabalhava em casa e fazia a roupa da família, e o pai, Zé do Carmo, que trabalhava no garimpo.

A história se desenvolveu no período correspondente à Segunda Guerra Mundial, momento de grande pressão, mas que foi um período áureo, entrando em conformidade com o que salienta Lins (1978), sobre o espaço social, podendo este ser uma época de opressão como o grau de civilização de uma determinada área geográfica (p. 75). A narrativa inicia com o caminhão de Silvestre subindo ladeira entre as cidades Peixe e Porto Nacional, indo para Anápolis. O chofer, Silvestre, deu carona para Domingos, viúvo sério, antigo dono de uma loja em Pium. No caminho, este deu carona também ao Dr. Alcides, médico que se preocupava apenas com sua vida e com seu rebanho de gado: não prestou socorro à mulher de Domingos que passou mal durante o parto e veio a falecer. Durante a viagem as três personagens no caminhão traziam na fala e na memória lembranças de Pium. Domingos, sempre calado, pensativo, algumas vezes, com gestos, aprovava ou reprovava as falas. O livro apresentou dois espaços: o móvel, caminhão, e o imóvel, espaço de trabalho, garimpo, as mazelas de Pium e da redondeza. Assim, afirma-se que a obra possui dois macroespaços: o móvel e o imóvel. À medida que o caminhão, representante do ambiente móvel, se locomove, e a região de Pium, o ambiente imóvel, aparecem na narrativa, ocorre um jogo de espaços interno e externo, móvel e imóvel. Outra dualidade entre o interno e externo abarcando outros espaços dicotômicos além do dentro e fora (Pium) do caminhão, acontece na casa de Zé do Carmo (interno) e a loja de Domingos (externo), isso em relação à personagem Ritinha.

Nestas mesclas de espaços, a personagem Ritinha aparece em vários momentos da narrativa. Ela, como moça de família simples, que vivia com dificuldades, e seus familiares vestiam-se e andavam diferente das pessoas que habitavam ou trabalhavam em Pium. Os homens que choviam por ali vestiam roupas diferentes das de Zé do Carmo e não andavam descalços, ela também andava descalça (BRASILIANSE, 1985, p.23). Ritinha foi crescendo e passou a admirar as roupas e acessórios que havia na loja de Domingos; mercadorias adquiridas na maioria das vezes por garimpeiros e prostitutas. Rolinha, um sedutor de moças

pobresö (BRASILIENSE, 1985, p.67), começou a alertar a garota que ninguém se vestia igual a ela e que se quisesse qualquer coisa da loja era só avisar que ele lhe daria. Depois que Ritinha ouvira Rolinha e Comadre Lina criticarem sua forma de se vestir, a menina começou a observar que as outras pessoas do garimpo não se vestiam como as pessoas de sua casa.

Certo dia, Rolinha a presenteou com um brinco; nervosa a garota ia escondê-lo em um rancho, mas ao ver um homem morto, assustou-se e os deixou cair. Retornando ao local, com seus pais e o capitão, os brincos no chão apresentavam as primeiras suspeitas que fosse uma mulher a assassina. Frente às acusações, aproveitando da fragilidade da garota, Rolinha propõe levá-la para a casa de sua tia em Anápolis, para não ser presa. Ao chegar à cidade, Rolinha a deixou em um prostíbulo. Seus pais ficaram muito tristes pelo seu desaparecimento. Passado algum tempo, sua mãe faleceu, seu pai não trabalhava mais todos os dias. Até que um dia, Ritinha retornou à casa de seus pais e contou a verdadeira história para esse. Pediu perdão e disse que agora estava bem, ia se casar, e que seu cunhado a havia levado para visitá-lo, porque seu futuro esposo estava ocupado com os preparativos do casamento. Depois de ter conversado com seu pai, a garota resolveu ir comprar uma chinela na loja de Domingos. Quando estava voltando da venda, Rolinha quis agredi-la, porém seu pai, que a seguia, a protegeu. Na discussão, ao tentar defendê-la, foi atingido com tiro, mas também Zé do Carmo conseguiu enfiar a faca na barriga de Rolinha, logo os dois morreram, e Ritinha voltou para Anápolis para se casar.

## **RITINHA E A TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA PELO ESPAÇO**

Ao observar esse resumo pode-se indagar: a personagem Ritinha foi influenciada pelo espaço? A mesma apresentava os mesmos comportamentos, sentimentos e reações nos diferentes espaços que ela ocupava? Estas questões serão norteadores deste artigo. Assim, começaremos essa análise com uma citação de Brasiliense (1985) mostrando o comportamento inicial de Ritinha na região do Pium.

Ritinha a princípio tivera medo de tanto povo. Ficava ajudando sua mãe no rancho. Depois foi perdendo o medo. Percorria já, sozinha, aquele labirinto feito de casas improvisadas. Não tinha mais receio daquele povo que considerava estrangeiro (BRASILIENSE, 1985, p.19).

A região de Pium não era e nem se torna um espaço topofílico, conceito este apresentado por Bachelard (1987), como sendo um espaço feliz, agradável e de aconchego. Transpondo este conceito para a obra, nota-se que, no início, Ritinha temia andar sozinha pela cidade. Ela era uma moça de família e só ficava em casa ajudando a mãe. Mesmo com o passar do tempo, o desenrolar da narrativa e ela ter se acostumando com o movimento do lugar, a garota ainda tinha sensações estranhas acerca desse espaço, porque as pessoas que ali habitavam tinham princípios e costumes diferentes dos dela e de seus pais.

A antiga casa de Zé do Carmo ficava distante do garimpo. Era alta e bem feita, madeiramento grosso, fornido.

Alta demais. A mais graúda que havia por ali e que abria um contraste forte com as outras palhoças. Certo dia alguém lhe perguntou por que fazia uma casa daquela altura, sem precisão nenhuma, e ele respondeu com simplicidade: - É porque acho qui o home qui vive em paz com sua consciença, não precisa dobrá o espinhaço pra entrá em casa. Entra mais é desimpinado, com a cabeça em pé! (BRASILIENSE, 1985, p. 20).

Zé do Carmo transmitia respeito, tinha seus costumes e suas tradições, pois se preocupava com a honra. Sua casa representava sua imagem, indo de acordo com a primeira função do espaço apresentada por Borges Filho (2008, p. 01), de que este caracteriza as personagens, situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem. Tendo o mesmo pensamento que Bachelard, de que ãa imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser. (BACHELARD, 1978, p.188).

A casa, para Zé do Carmo, é algo importante, porque ela dá a sensação de estabilidade e de elevação, pois quanto maior a casa mais importante é o indivíduo que mora nela, e para ele, pessoas de bem moram em casas altas para nunca precisarem de se curvar para nada; representa dignidade, a casa representa a dignidade do homem. Mesmo diante de dificuldades financeiras, condições precárias para trabalhar, Zé do Carmo tinha sua casa como um lugar de repouso, diferente do garimpo. Ela é topofílica para a personagem, é um lugar agradável, onde ele se sente seguro e protegido, no qual pode descansar. No livro, há a oposição em ãestar dentro da casa, lugar de aconchego, dignidade, local em que Ritinha tinha para sonhar; e o ãestar fora, onde a vaidade, a luxúria, a miséria, as doenças e os problemas sociais prevaleciam. ãNo âmbito da topoanálise, entendemos por cenário os espaços criados pelo homem. Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança (BORGES FILHO, 2008, p. 5). Zé do

Carmo e *sá* Zefa, diferentes de Ritinha, não são influenciados pela nova Pium ou pelas mudanças deste meio, pois seus costumes, cultura e valores continuaram reinando; e visto que o espaço é constituído de valores, se estes não mudam, o espaço tende a permanecer como é, logo as pessoas que nele habitam tendem a permanecer como eram. ÕPai num gosta qui a gente receba coisa de gente qui não é parenteõ (BRASILIANSE, 1985, p. 22). Estas palavras foram proferidas por Ritinha a Rolinha na loja de Domingos, quando este estava propondo presenteá-la com qualquer mercadoria da loja. Sua família e sua casa eram humildes, mas tinham integridade. Sua casa era o lugar de lembrar os tempos de juventude, de refletir a vida e de se proteger.

Zé do Carmo não conciliava o sono. Cismava dentro da escuridão. Davam cambalhotas pela sua cabeça os mais descontraídos pensamentos. Lembrava-se de tempos longínquos, quando era bem jovem. Como tinha sido bom o seu tempo de barqueiro! Forte, peito largo, bom no remo e no varejão, batuta numa cuia de jacuba! (BRASILIANSE, 1985, p. 53).

O lugar tinha mudado, mas Zé do Carmo não se abalava com as novidades, pois era consciente de suas obrigações e de suas condições. Quando chegava a loja de Domingos, lugar em que os garimpeiros se esbanjavam juntamente com as prostitutas, estes sempre tinham novidades. Zé do Carmo sempre comprava o mais barato e necessário, não reclamava e nem se comparava com as outras pessoas.

Zé do Carmo passeava os olhos pelas prateleiras, de modo significativo. Ó O que você vai comprar, Zé? Ó Uns metro de pano pra véia, uns caroco de feijão, umas pedrinhas de sal e uma moadura de criouza. Os retaio quero coisa barata, seu Domingo, mais que não rasgue atoa... (BRASILIANSE, 1985, p. 67).

Diferente de seu pai, Ritinha, quando saía nas ruas, observava as pessoas, ficava deslumbrada na loja de Domingos com os produtos que ali tinham. Por mais que estivesse preocupada ou triste, sentia-se atraída a ir olhar as mercadorias e as pessoas comprarem. Certo dia, nesta mesma loja, Rolinha se aproximou da garota e levantou vários questionamentos a esta. Ele aproveitou o espaço, pois em um espaço onde as mulheres se vestem diferentes, até mesmo de forma exótica na visão da menina e se comportam de maneira distinta da mesma, ou seja, ela estava deslocada naquele lugar. ÕSomente agora, com as palavras intencionais daquele homem, ela notava que havia mulheres que não vestiam roupas daquele jeitoõ (BRASILIANSE, 1985, p. 23). Até aquele momento, ela pensava que todos se vestiam como

ela e sua família. Misturada com ingenuidade e tradição, Ritinha pensava que todas as meninas deviam usar figurinha ao pescoço para se livrarem dos maus olhados e tentações do demônio (BRASILIENSE, 1985, p. 23). Então, ela começou a observar as vestimentas das outras pessoas, inclusive das que frequentavam a loja de Domingos. Logo percebeu que as roupas que os outros homens vestiam não eram como as de seu pai, e que ela e sua mãe também não se vestiam como as outras mulheres. Agora, os olhos dela se abriram, percebeu que as outras mulheres se depilavam, enquanto ela andava com as pernas e axilas peludas. Este espaço, ambíguo de conforto, de sensualidade e de sonhos, despertou inquietude na menina, levando-a a refletir sobre sua vida e a de seus familiares. Aquele espaço não cotidiano a tirou de uma zona de conforto e de ingenuidade. Esse pensamento vai ao encontro do que Flávio Pereira Camargo apresenta em *Espaços marginais do desejo homoerótico em contos de Caio Fernando Abreu* (2011) que “[...] as relações que estabelecemos com o espaço que ocupamos e frequentamos diariamente é uma das formas de afirmar nossa identidade social, cultural e econômica” (p. 75). Ritinha, em casa, era uma garota moralista, aos olhos dos pais uma criança, mas estes não sabiam que era em casa que a menina refletia, sonhava e pensava nas diferenças entre sua família e as outras pessoas; é no espaço da casa que ela se sente protegida e livre para pensar nas contradições que do mundo que a cerca, pois, segundo Bachelard (1978), “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz (...), a casa é um dos maiores poderes de interação para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (p. 201). E essas contradições tiravam o sono da menina, como pode ser lido no seguinte excerto.

Ritinha não conseguia dormir naquela noite. A loja de Domingo Fernandes, cheia de tantas novidades, não lhe saía da cabeça, e o homem de chapéu grande e botas sanfonadas se emparelhava no meio de seus descontraídos pensamentos. Um momentinho que pegava no sono começava a sonhar coisas atrapalhadas, repletas de cenas tão esquisitas que até chegavam a ser deliciosas. (BRASILIENSE, 1985, p. 25)

Ritinha tinha insônia pensando na loja, pois sofria influência direta do meio. Já seu pai perdia o sono ao pensar nas mazelas da vida, lembrava-se dos bons momentos que vivera, pois este não fora influenciado pelo novo Pium. A personagem Ritinha adquire comportamentos diferenciados, de acordo com o espaço em que se posiciona, isto é, o espaço influencia as atitudes da garota. O espaço da loja a fazia ter pensamentos e sensações que não podiam ser comentados em sua casa por serem consideradas imorais. Na loja, ela via, sonhava e pensava aquilo que na sua casa não era bem aceito e até, de certo modo, repudiado, primeiro

pelas condições financeiras, e, segundo, porque muitas daquelas mercadorias, na concepção de seus pais, eram usadas por prostitutas. Um exemplo é o vestido de algodão, enquanto ela vestia um de pano que não marca o corpo, as mulheres do garimpo vestiam seda que marcavam as suas curvas. Assim, a loja representa a fuga da realidade. Percebe-se esse fato na seguinte passagem:

Em sonho viu-se novamente na loja. O homem de sorriso sem-vergonha estava lá. Oferecera-lhe vários presentes e ela os aceitara satisfeita. Pegara-lhe nas mãos, alisou-lhe as tranças, o pescoço, as costas, como um pai carinhoso, mas quando deu fé as mãos grossas de Rolinha lhe estavam fazendo cócegas nos seios. De repente lembrou-se de que havia muita gente na loja vendo aquelas coisas e...  
Acordou gritando com voz cansada: Mãe! Mãeêê!.... (BRASILIENSE, 1985, p. 26)

Aquele ambiente mexia com a garota; aquele lugar que despertava a sexualidade e a fazia ter sonhos eróticos. O trecho acima mostra um de seus pesadelos, a garota gritando, clamando pela sua mãe. Chamar a mãe representa a busca pelo equilíbrio; ela é o elo entre Ritinha e a decência. Quando a garota via alguma situação, pessoas diferentes das que estava acostumada a observar, rapidamente contava para sua mãe. Além de que todas as noites sua mãe lhe beliscava para se ajeitar na cama, pois falava que se ela não se deitasse direito o anjo se afastaria e o caminho ficava livre para o diabo. No início, ela chorava, achava ruim, mas devido a todas essas mudanças e as descobertas sexuais, ela acostumara com os beliscões e até sentia falta quando não os recebia. De certa forma, ela passa a sentir prazer naqueles beliscões, como se nota no seguinte excerto.

Agora aqueles beliscões e aqueles tapas tinham um efeito diferente. Produziam uma sensação diversa da dor. De certo o couro já estava acostumado com o castigo constante, (...) Estava diferente também, não lhe restava a menor dúvida. Somente não mudara com referência ao beliscão noturno. Tinha até o cuidado de se deitar o mais desajeitada possível, para merecer aquela exigência do anjo da guarda, por intermédio das unhas de sá Zefa. Sem aquele beliscão, era impossível dormir. (BRASILIENSE, 1985, p. 35).

Voltando à análise do comportamento da garota na loja de Domingo Fernandes. Ritinha apresentava um comportamento diferente; ela, que era acostumada a ver seus pais andando descalços, com roupa de algodão, roupas simples e que não realçavam o corpo, ao se deparar com tantas õbugigangasö, que, na maioria das vezes, eram adquiridas por õprostitutas e garimpeiros gastadoresö, fica deslumbrada. A princípio, ao entrar na loja, Ritinha ficava tonta com todas aquelas mercadorias e a comercialização, e quando passava próxima a loja

uma força irresistível, porém, a empurrava para lá (BRASILIANSE, 1985, p. 35). Ou seja, aquele espaço exercia um magnetismo irresistível sobre a menina. Era um espaço que ela tinha necessidade de visitar, e estas descrições a respeito da loja de Domingos, indicavam ao que suas preferências e ações a levariam, fato que condiz com a seguinte afirmação de Borges Filho (2008): "outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira" (p. 02). Os pais de Ritinha não tinham se homogeneizado com o espaço, não tinham sido absorvidos por este. Mesmo diante de tantas novidades esses ainda mantinham a essência, os seus valores. Já, referente à garota, não acontecia a mesma reação. Fosse com a loja ou com as críticas de Rolinha e/ou da comadre de sua mãe, tudo a deixava pensativa. Em uma conversa entre a Zefa e a comadre, a velha conhecida que estava de passeio com seu marido, falaram de Ritinha. A visita observou que a garota estava se vestindo diferente das outras garotas, isso é, ela não estava se vestindo como as garotas de sua época que viviam no garimpo, e quanto mais um indivíduo é diferente dos outros que vivem no mesmo espaço do que ele, querendo ou não, mas ele chama a atenção para si.

A necessidade de se adequar ao meio revela os instintos sexuais de Ritinha, pois o vestido de algodão tecido por sua mãe, que sempre fora usado sem nenhum problema, hoje já lhe fazia cócegas nos seios, como se um diabo descarado estivesse engarranchado nas dobras do pano (BRASILIANSE, 1985, p. 34). Ela passa a perceber as transformações de seu corpo, a evolução desse, tanto no aspecto físico como psicológico, justificando essas mudanças com hipóteses religiosas, de que se as coisas não iam bem, era resultado da forma que tinha dormido, porque os anjos tinham se afastado e o diabo estava rondando o seu descanso...

A loja de Domingos é o espaço material, o reagente para as transformações da garota. Foi esse lugar que a ajudou a mudar a forma de se perceber e perceber os outros. Foi lá que ela recebeu o par de brincos e por isso foi induzida a fugir para não ser presa, pois os brincos ela deixara cair junto ao corpo de um morto, e para não ser acusada, foge com Rolinha. Ritinha nem refletiu se era a hora de deixar sua casa, sua família, o aconchego, simplesmente foi. Ela saiu da concha, de seu primeiro abrigo, deixou o seu primitivismo inicial. Abandonando o pai trabalhador e honesto e a mãe que a trazia para a moralidade e sua casa, que era o aconchego por uma nova vida, a garota alça voo, sai do ninho, do espaço que sempre a protegeu.

Quando Ritinha se evade do rancho, deixa marca das rodas do carro e os tocos de cigarro. Aquele local que antes era um local normal, até mesmo sagrado, para Zé do Carmo é

violado, se tornou em um espaço de dor, ódio, rancor e raiva, no qual ele passava várias horas do dia. "Todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um aposento, o germe de uma casa" (BACHELARD, 1978, p. 270). Na acepção de Foucault (2006), existe uma hierarquia de locais, sejam sagrados, profanos, protegidos, abertos, urbanos, rurais, e outros, os quais aportam as coisas, pois o cruzamento de lugares pode ser chamado de espaço de localização. Na obra, há este jogo de lugares, o qual influencia e até determina o comportamento das personagens.

Mas Zé do Carmo tenta sacralizar ou purificar o seu lar, como pode ser observado no seguinte trecho, "estava resolvido a desmanchar as marcas das rodas do carro, ao menos do terreiro de seu rancho, para descarregar mais um pouco da angústia que o torturava" (BRASILIANSE, 1985, p. 98). Não só as rodas dos carros que foram apagadas, mas também os cigarros foram torturados por ele, pois acostumar-se a jogar seus tocos de cigarros para pisá-los. Assim ele ficava horas, sentado e olhando para o chão. "Parecia que ela havia sido enterrada no lugar onde estavam os tocos de cigarro" (BRASILIANSE, 1985, p. 102). Essas imagens demonstram a angústia e tristeza da personagem. Naquele lugar, Zé do Carmo sempre ficava, mesmo após a morte de *sá Zefa*, até o dia em que Ritinha retornou ao rancho. "Ritinha se ajoelhou à frente de Zé do Carmo, que estava à porta do rancho, como de costume, riscando o chão e entregando à tristeza" (BRASILIANSE, 1985, p. 113). Zé do Carmo chorando a abraçava, ela já não usava mais suas roupas de algodão, mas estava bem vestida, com um penteado moderno, sapatos anabela, unhas pintadas, sobrancelhas bem arrumadas" (BRASILIANSE, 1985, p. 115). Após uma conversa permeada de desculpas, a garota lhe conta tudo que lhe tinha ocorrido, tomam café, e, em seguida, demonstra vontade de ir à loja de Domingos para comprar um par de chinelas.

O livro não traz nenhuma descrição da garota no local, ou seja, tudo que havia na loja já fazia parte do seu cotidiano, não apresentando nada de novo, que a deixasse deslumbrada, isto é, esse espaço se torna banal, corriqueiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Pium* apresenta marcas de aspectos sociopolíticos que caracterizaram a época e expressões cotidianas que revelam a linguagem da região, dando vida, veracidade e leveza à leitura. E nesta harmonia literária, há um jogo de espaços, começando pelo leitor, que ora está no seu espaço, ora está em *Pium*. O espaço marca profundamente a obra, pois este influencia

e induz muitos personagens, inclusive Ritinha, ão que tende em geral a ocorrer; que a personagem transforme em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaçoo (LINS 1976, p.100). Como Lins salienta, Ritinha foi influenciada pelo espaço da loja de Domingos, mudando sua forma de pensar, observar e agir, preferindo abrir mão de sua cultura, costumes e família para viver, sonhar aquilo que a loja proporcionara. No livro, Ritinha não é a única a ser influenciada pelo meio, mas é a personagem que optamos por analisar, devido ao fato de ser aparentemente uma menina ingênua que cede às pressões, pensamentos e vontades geradas pelo meio. Assim, pode-se perceber que Pium mudou, porém não foram todos os moradores que se modernizaram e se transformaram juntamente com o local. Enquanto algumas pessoas influenciam o meio, outras são influenciadas pelo mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (*et al.*). São Paulo: Abril Cultural, 1978 (pp. 182-354).

BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In.: *Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*, 2008: São Paulo, SP - Tessituras, Interações, Convergências / Sandra Nitirini *et al.* - São Paulo: ABRALIC, 2008. e-book.

BRASILIENSE, Eli. *Pium*. 4º ed. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1985.

CAMARGO, Flávio Pereira. Espaços marginais do desejo homoerótico em contos de Caio Fernando Abreu. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista (org). *Percursos da narrativa brasileira contemporânea: Coletânea de ensaios- v. II*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011, pp. 65-81.

FOUCAULT, Michel, Outros Espaços. In: \_\_\_\_\_. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 411- 422.

SANTOS, Milton. *Metamorfozes do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1997, pp. 61-74.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2006.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

Recebido em 14 de novembro de 2012.

Aprovado em 12 de fevereiro de 2013.